

## ■ RESENHAS

### ■ A falsa medida do homem

 *Fabício Santos Dias de Abreu \**

**Resumo:** Nesta resenha buscamos revisitar a obra “A falsa medida do homem”, publicada em 1981 por Stephen Gould nos Estados Unidos. O autor, por meio de uma abordagem histórica-crítica, acessa obras clássicas da Medicina e da Psicologia que defendiam, a seu tempo, que o valor dos sujeitos estava relacionado à quantificação da sua inteligência. Essa defesa, de grande força nos séculos XIX e XX, impactou diretamente a vida de determinados grupos minoritários (negros, mulheres, pessoas com deficiência, imigrantes e etc.) e coube a Stephen Gould demonstrar que esses foram vítimas de um grande conluio científico que buscava inferiorizar sujeitos e naturalizar, pelo viés biológico-natural, opressões e cerceamentos de direitos.

**Palavras-chave:** Stephen Gould. Determinismo Biológico. Inteligência.

---

\* *Fabício Santos Dias de Abreu é pedagogo formado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB (2012), especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF), Gênero e Sexualidade (UERJ-2016) e Gênero e Diversidade na Escola (UFG-2015), mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia/UnB (2015), e doutorando em Educação pela UnB. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: fabra201@gmail.com*

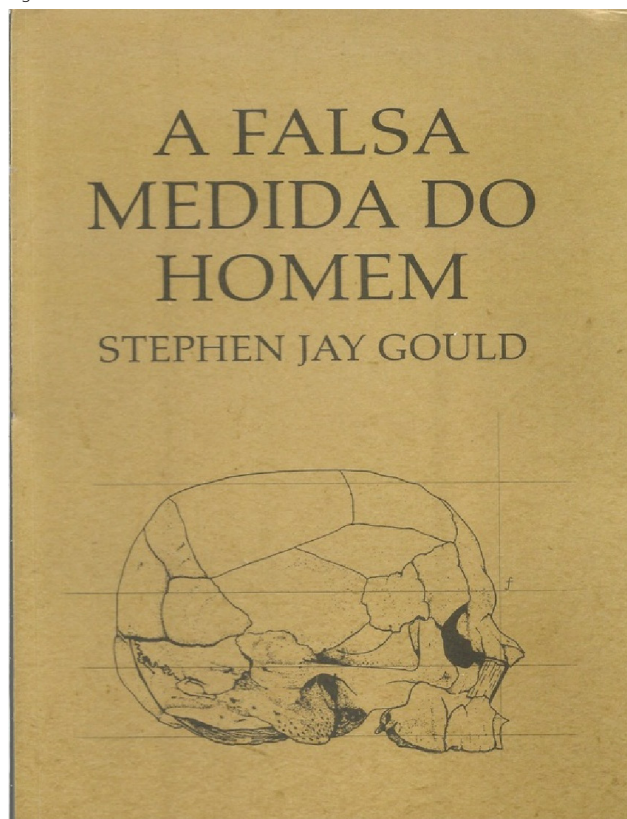
Stephen Gould (1941-2002) foi um eminente paleontólogo, biólogo evolucionista e geólogo norte-americano. Com 26 anos de idade, após concluir o doutorado pela Universidade de Columbia, ingressou na Universidade de Harvard, em 1967, para lecionar disciplinas relacionadas a suas áreas de formação, permanecendo em plena atividade intelectual até o ano de sua morte. É autor de mais de uma centena de publicações de cunho científico, que foram traduzidas para diversas línguas, e que se destacam pelo vocabulário acessível, que beira o coloquial, e o estilo perspicaz de escrita. Utiliza-se desse para traduzir e deixar mais palatável os conceitos mais complexos e controversos das ciências exatas para o leitor leigo. Gould escreve para pessoas do cotidiano e não apenas para seus pares, o que o faz um escritor que se aproxima ao gênero literário e se afasta do linguajar rebuscado típico dos acadêmicos. Essas singularidades o fazem um dos maiores divulgadores científicos do século XX e advêm daí o seu sucesso por mais de 20 anos como colunista da *Revista Natural History*.

Dentre as suas publicações de maior notoriedade, destacam-se: *Darwin e os grandes enigmas da vida* (1992), *Dedo mindinho e seus vizinhos: ensaios de história natural* (1993), *O sorriso do flamingo: reflexões sobre história natural* (1991) e *A falsa medida do homem* (1999). Esse último, publicado em 1981 e tendo como título original *The Mismeasure of Man*, pode ser considerada a sua obra de maior popularidade no Brasil, com mais de 500 citações diretas em artigos científicos nacionais, de acordo com o google acadêmico.

A Falsa Medida do Homem (Figura 1) foi bastante aclamada pela crítica internacional, sendo considerado pela *Modern Library* como o 24º melhor livro de não-ficção em inglês do século XX e pela revista *Discover* como o 17º maior livro de ciência de todos os tempos (nesta lista figuram nas duas primeiras posições as obras *A Viagem do Beagle* e *A Origem das Espécies e a Seleção Natural*, ambos de Charles Darwin). Nesta obra, Gould, ao longo de sete capítulos, busca refutar os argumentos que referendavam o determinismo biológico enquanto teoria científica que legitimava as desigualdades como desígnios naturais. Essas crenças, que tiveram vigor nos séculos XIX e XX, defendiam que o comportamento e as diferenças sociais e econômicas existentes entre os seres humanos são inatas e, portanto, herdadas geneticamente. Para os cientistas dessas épocas, estudar a inteligência (sua gênese, estrutura e formas de mensuração) era uma potente via explicativa para a diversidade existente entre os homens.

Por meio de uma perspectiva histórica, o autor faz um incansável trabalho de revisitar as obras clássicas da medicina e psicologia que asseveraram que "(...) o valor dos indivíduos e dos grupos sociais pode ser determinado através da medida da inteligência como quantidade

Figura 1.



Fonte: Internet.

isolada" (p. 4) a partir de métodos específicos de mensuração, tais como a craniometria e alguns tipos de testes psicológicos. Interessa apontar as incongruências, lacunas e falácias nos estudos de seus antecessores, que nutriam forte veneração pelas bases físicas e de medição da inteligência humana - considerada uma entidade que, a luz dos pressupostos metodológicos das ciências exatas, precisava ser observada e quantificada numericamente. O grande intento do trabalho de Gould, dessa forma, é analisar as tentativas de quantificação que os estudiosos fizeram da inteligência, com a intenção explícita de hierarquizar os sujeitos e naturalizar práticas de dominação e opressão, que, chanceladas pela ideologia científica da época, colocavam os processos de inferiorização de determinados grupos sociais como fruto de um destino biológico.

Gould, apesar dos inúmeros prêmios e títulos acumulados ao longo da carreira, poderia receber a alcunha, incomum ao nosso tempo, de um cientista social-natural, pois rompe com o pensamento cartesiano ao não bifurcar essas áreas do conhecimento. Entende a globalidade e as múltiplas determinações dos fenômenos que pretende estudar se valendo dos conhecimentos da história, sociologia, ciências naturais e etc.. Em intrínseca relação com as mais diversas áreas do conhecimento, constrói seu estilo científico-literário. Na interseção do que se considerada como ciência exata e

ciência humana, comumente apartadas no pensamento ocidental, Gould organiza sua obra na demonstração de que “(...) os dados quantitativos encontram-se tão sujeitos ao condicionamento cultural quanto qualquer outro aspecto da ciência” (p. 11). A sua narrativa e o método que emprega na construção e análise dos dados que revisita o coloca na posição de um bom historiador que, na defesa de Bloch (2011), se parece com o ogro da lenda, pois “(...) onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (p. 54). Tal como o ogro descrito por Bloch, Gould vasculha as minúcias em busca daquilo que procura e é nos trabalhos de Agassiz, Morton, Broca, Galton, Lombroso Binet, Goddard, Terman, Yerkes, Burt entre outros, que encontra sua presa. Mas, a ele não basta devorá-la, é preciso esquadrihar. Sabendo que nesses autores encontra-se a base (considerada) científica que legitimou o determinismo biológico e as práticas eugênicas, Gould pormenoriza sua caça com maestria, esmiúça seus escritos, reaplica seus experimentos, analisa as fontes primárias, dando inveja a qualquer adepto do paradigma indiciário.

Logo nas primeiras páginas do livro, nos agradecimentos, já se anuncia a discussão que se desenvolverá ao longo das mais de 300 páginas vindouras. Racismo científico, determinismo biológico e a crítica ao modelo de homem padrão superior às demais categorias, se entremeiam ao sentimento de gratidão pelos parceiros que o auxiliaram na composição do livro. No capítulo 1, *Introdução*, há a defesa de que a ideia do determinismo biológico serve aos grupos detentores do poder e ratifica suas práticas e compete ao autor demonstrar as fragilidades metodológicas, as fraudes e os contextos políticos que fizeram surgir e impulsionam a difusão desses argumentos. Com um objetivo tão audacioso, Gould reconhece os limites de sua obra e opta por organizá-la a partir do que considera como dois eixos centrais: a reitificação e a graduação. O primeiro, diz respeito à tentativa de conversão de conceitos abstratos em entidades mensuráveis, tal qual se tentou fazer com a inteligência – a ponto de localizá-la e definir um substrato físico que a compõem, tendo como um dos expoentes os experimentos de Broca. Já o segundo, refere-se à tendência de estabelecer níveis de variações complexas em uma escala ascendente, que indica as posições que o sujeito pode ocupar socialmente, assim como os testes de Terman.

Já no capítulo 2, *A poligenia americana e a craniometria antes de Darwin*, discorre sobre a poligenia de base criacionista, em especial nas teorias de Agassiz, precursor do racismo científico, e na de Morton, interessado em provar que a hierarquia racial era estabelecida por meio de características físicas do cérebro. O primeiro fez sua teoria baseado em especulações sem a apresentação de dados, porém, Morton trouxe um caráter

mais cientificista a suas defesas a partir da empiria da medição do tamanho médio do crânio. Esse é refutado por Gould que, após fazer uma análise minuciosa dos dados deixados nos seus escritos, assevera que é impossível provar a existência de diferenças significativas entre as raças. Encontra fragilidades na produção de Morton, como erros de cálculo e omissões convenientes, que parecem ter sido arquitetadas para se chegar a resultados que já se desejavam obter previamente.

O capítulo 3, *Medindo cabeças*, é dedicado aos teóricos evolucionistas Paul Broca e a Galton, e as implicações dos seus estudos no fortalecimento da craniometria. Essa, considerada uma ciência objetiva e com método muito bem delineado, fomentava a crença de que os sujeitos poderiam ser hierarquizados em uma escala linear que mensurava o valor intelectual. Ao fim desse capítulo, ao demonstrar o descrédito que a craniometria alcançou no século XX, o autor mostra a nova roupagem que as ideologias eugênicas assumem travestidas de testes de QI, que serão melhor abordados no capítulo 5.

O capítulo 4, *Medindo corpos*, ganha vigor com a apresentação da reformulação da craniometria. Se antes o foco era o cérebro, agora o corpo inteiro passou a ser objeto de especulação da nascente antropologia criminal, cujo principal expoente foi Lombroso, que buscava provar que determinados sinais físicos são encontrados em criminosos natos, sendo possível identificá-los pela anatomia.

No capítulo 5, *A teoria do QI hereditário*, o foco se estabelece na passagem do domínio da medicina para a psicologia, enquanto ciências que endossavam um modelo ideal de homem dotado de certos atributos cognitivos e que buscam, em seus métodos, mensurar características subjetivas pelos métodos das ciências exatas. Neste capítulo, o eixo principal está na teoria de Quociente de Inteligência (QI) de Binet e nas apropriações equivocadas por parte dos seus seguidores. Binet é responsável por uma compreensão até então singular e sem grande expressão para época, ele avança e rompe com o pensamento hegemônico ao entender que a inteligência era complexa em demasia para ser expressa por um único número. Seus estudos não relacionava o QI a uma concepção de inteligência inata, mas servia para identificar os problemas de aprendizagem escolar. A concepção de Binet não estava interessada em rotular os sujeitos ou impor limites por meio da mensuração da inteligência, mas sim em auxiliar as práticas pedagógicas a serem mais eficazes.

Porém, seus feitos foram mal interpretados pelos teóricos norte-americanos que se utilizaram das ideias que fundamentam o teste de QI para manter falácias, hierarquizações e a naturalização da exploração fortemente defendidas pela reitificação e pelo determinismo.

Ainda nesse capítulo, em justiça à memória de Binet, Gould ateu-se em mapear como essas leituras se distanciaram dos pressupostos iniciais até chegarem na defesa de que o QI é hereditário. Analisa, em especial, os escritos de Goddard, pioneiro em introduzir Binet nos EUA, Terman, responsável pela escala Stanford-Binet e pela defesa de que as profissões deveriam ser desempenhadas a partir do QI, e Yerkes, que em um devaneio submeteu quase dois milhões de oficiais do exército a um teste de inteligência de larga escala na tentativa de provar, mais uma vez, que a atividade intelectual era inata.

Por fim, no capítulo 6, o mais extenso da obra, intitulado *O verdadeiro erro de Cyril Burt*, demonstra, com riqueza de detalhes e explicações densas sobre estatística, a introdução do conceito de eixo fatorial matemático como via de medição para se estabelecer um valor numérico para a inteligência (fator de inteligência geral). Ao longo de toda a obra, em especial neste capítulo, Gould demarca e reafirma sua defesa de que a inteligência é um conceito impreciso e complexo, fortemente atravessado pela cultura e que, portanto, a tentativa de estabelecer medições e classificações a partir da capacidade cognitiva é uma via perigosa que

pode estar a serviço de ideologias que colocam grupos historicamente subjugados como possuidores de uma fisiologia inferior.

A obra em tela é uma leitura essencial para aqueles que se conectam de alguma forma aos grupos minoritários (seja na pesquisa, vivência pessoal ou militância) para se entender que as raízes dos preconceitos e dos cerceamentos de direitos são de ordem histórico-cultural e não natural-determinista como se defendeu com grande ênfase no passado. Porém, por mais que vários outros pesquisadores, para além de Gould, defendam e provem que as diferenças entre os humanos pela via genética são irrisórias, as vozes do pretérito ainda ecoam com força. É um livro também indicado para discussões sobre epistemologia e história da ciência (não apenas a natural), pois demonstra que essa é uma síntese provisória atravessada por vieses ideológicos e de poder. Em épocas de instabilidade das instituições democráticas, onde o discurso conservador de ordem misógina, homofóbica e racista ganham força sem sofrer penalizações, nos parece pertinente reforçar a ideia de Gould que defende que o discurso do determinismo biológico “sempre acontece em tempos de retrocesso político” (p. 13). ■

## Referências bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **O sorriso do flamingo**: reflexões sobre história natural. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Dedo mindinho e seus vizinhos**: ensaios de história natural. São Paulo: Martins Fontes, 1993.